

EXPERIMENTOS DE LEITURA NA ESCOLA: CONTOS DE ENGANAR A MORTE

Amanda Silva Cardoso

Iandra Sales Silva

Uilson Santos Bonfim

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Afonsina Ferreira Matos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ UESB - Campus de Jequié

Este trabalho objetiva apresentar um dos experimentos de leitura da obra de Ricardo Azevedo realizado pelo projeto de pesquisa no “No Reino da Imaginação: experimentos com a literatura Infanto–Juvenil”. Assim, tomando por base o livro “Contos de Enganar a Morte”, este experimento de leitura trabalha com contos de um das personagens mais interessantes das narrativas de horror: a Morte. Essa narrativa dos Contos de Enganar a morte desperta a curiosidade das crianças e a imaginação sobre a temática. Transformando os momentos de leitura em momentos divertidos e cheios de imaginação. Nos contos trabalhados, a presença da morte não é assustadora, até e engraçada. O embasamento teórico partiu de autores como Lajolo(1988), Zilberman (2003), Yunes(2002), Kleiman(1999) e Cunha (2004).

Palavras-chaves: Leitura, Contos, Narrativa Infanto-Juvenil, Imaginação

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever como foi realizado o experimento de leitura do subprojeto: **“Quem conta um conto, aumenta um ponto”**, baseado na obra literária: **Contos de enganar a morte** de Ricardo Azevedo. O subprojeto supracitado faz parte do projeto “No Reino da Imaginação: experimentos com a literatura Infantil e Juvenil”. O experimento foi aplicado durante dois dias no Colégio Luiz Viana Filho, para um público juvenil.

O gosto de ouvir e contar histórias, seja em volta de uma fogueira ou em uma reunião com amigos, vem acompanhando a humanidade através de sua trajetória no tempo e no espaço.

Os contos fazem parte da vida do ser humano, seja uma criança, um jovem ou um adulto, todos nós já ouvimos ou contamos alguma história. Segundo Luzia de Maria

“o conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de gerações a gerações o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de certo escritor”. (MARIA, p.10, 2004)

Deste modo, surgiram os contos de humor, os contos fantásticos, os contos de mistério e terror, os contos religiosos, os contos minimalistas, os contos estruturados de acordo com as técnicas da narrativa.

Segundo Ricardo Piglia (2001, p. 24) “*O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permita ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta*”. Pensando nisso utilizamos o livro **Contos de Enganar a Morte**, m que o autor Ricardo de Azevedo afirma que encontramos em sua obra: “narrativas populares que têm como ponto comum o herói que luta para vencer a morte. Além de levantarem o assunto possibilitando, portanto, uma interessante reflexão, elas são, com sua poesia, graça e magia, são uma verdadeira, divertida e apaixonada declaração de amor à vida”.

A LEITURA

Há que se ler literatura para romper o silêncio, desentrevando, azeitando e retro-alimentando os sentimentos e a inteligência do mundo. (Regina Zilberman)

Este trabalho tem como foco o livro *Contos de enganar a morte (2003)*, do escritor Ricardo Azevedo, que trata de contos no qual a personagem principal é a morte. E de uma maneira bem humorada, a morte vai buscar seus “escolhidos”, que sempre dão um jeitinho de enganá-la. Apesar disso, os espertos se dão mal, pois a morte sempre encontra suas vítimas, mais cedo ou mais tarde. Segundo Regina Zilberman (2003, p.170) *o contato com a literatura infantil se faz inicialmente por seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos*. Isso nos faz pensar que o conto é um dos

primeiros gêneros com o qual a criança tem contato, seja em casa (história contadas pela mãe, pai, avós...) ou na escola, (histórias contadas pelo professor).

A narrativa de *Contos de enganar a morte*, chama muito atenção das crianças e jovens, pois todas querem saber o desfecho de cada conto. Como todos os livros de literatura juvenil, *Contos de enganar a morte* proporciona ao seus leitores um passeio imaginário e de humor por um tema tão temido e evitado que é a morte.

O livro supracitado traz quatro histórias que relatam as peripécias vividas pelos heróis que não querem morrer e os truques usados para escapar da indesejada de todos. A estrutura narrativa é marcada pela repetição, recurso comum no gênero cômico. As personagens envolvem-se em problemas cotidianos, enfrentando toda sorte de dificuldades, como a miséria, o excesso de filhos e a doença: o sétimo filho do homem miserável vai nascer e não há quem o batize; o ferreiro que, embora trabalhasse o tempo todo, não tinha um tostão; o jovem em busca de um lugar onde a morte não existisse; o malandro pobre e sem perspectiva de melhorar de vida.

Essa narrativa se aproxima muito da realidade das crianças de escola pública que moram nas grandes periferias do Brasil. Segue um trecho da narrativa de um pobre senhor que tornou-se médico:

(...) A Morte explicou, então, que a partir daquele momento, o caboclo seria um médico.
— Médico? Eu? - pergunta, espantado, o caboclo. – Mas, não entendo nada de medicina!
— Preste atenção – disse ela. – Venda seu casebre e seu alqueire de terra e venha morar na cidade. Coloque na sua nova casa, uma placa dizendo-se médico. Quando for chamado para examinar um doente, se vir minha figura na cabeceira da cama, é sinal de que a pessoa vai ficar boa; em compensação se me enxergar no pé da cama, chame o coveiro porque o doente logo, logo vai esticar as canelas. (AZEVEDO, 2003)

As personagens apresentam marcas comuns, como a carência e a pobreza, além daquela que, sob o ponto de vista da sociedade, pode ser considerada uma “imperfeição”, o medo da morte. Nas narrativas de Ricardo Azevedo, o homem não é poupado, pois a morte consegue sempre seu alvo, apesar das ações que tentam frustrar o objetivos da fatalidade movimentam a história, garantindo a diversão dos leitores.

Kleiman (1999) menciona o fato de que muitos textos apresentados em algumas escolas, principalmente os inseridos nos livros didáticos, pouco têm a ver com a realidade da sociedade. Nos contos de Ricardo Azevedo, a realidade sempre aparece com muito humor, mas não deixa de ser objeto de reflexão para os leitores que, em um momento ou outro vão se reconhecer dentro das histórias, fazendo com que a leitura seja mais dinâmica e reflexiva tanto para as crianças quanto para o público juvenil. Segundo Lajolo:

(...) a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, igualmente social. E, como construção social resultante, tanto o infantil de uma quanto o juvenil de outra são conceitos móveis: o que é literatura infantil, para um determinado contexto, pode ser juvenil para outro e vice-versa, infinitamente... (LAJOLO, 1988, p.34).

Portanto, a leitura é base do conhecimento e da aplicação do mesmo. Ler é construir e reconstruir o mundo. Essa oportunidade não pode ser negada as crianças nem aos jovens que serão os adultos de amanhã. Para despertar o público infantil e juvenil para a prática da leitura, além de oferecer livros de acordo a realidade de cada um e desejo do público supracitado, pode-se desenvolver atividades lúdicas que tornem ainda mais prazerosos os momentos de leitura.

O lúdico seria aquela categoria que presente no ato estético, permitiria ao receptor entrar em um jogo cujo resultado, sendo-lhes desconhecido, depende de sua atuação na partida. Isto do ponto de vista da literatura infantil, quer dizer que as mensagens por elas veiculadas devem ser instigantes a ponto de desafiar o leitor, propondo-lhes problemas cujas soluções dependeriam de sua habilidade em jogar, de sua capacidade criativa para dar respostas a situações novas, de suas idiosincrasias. (CUNHA, 2004, p. 77)

Nesse contexto, a criança, aos poucos, vive novas experiências, em que, além de desfrutar do prazer da leitura, passa a dominar recursos importantes para o desenvolvimento de sua fantasia e criatividade.

RESULTADOS SOBRE O EXPERIMENTO DE LEITURA

O experimento foi realizado no Colégio Luiz Viana Filho, em Agosto de 2010, no período da tarde. O público era formado por jovens entre 12 e 14 anos, que estavam cursando o 6º do ensino fundamental.

Durante a cotação de historia do texto *O médico que enxergava a morte*, os estudantes ficaram atentos e prestando atenção, em alguns momentos faziam comentários de momentos cômicos do texto. Após a leitura do Conto, foi aberto um momento de

discussão, onde os estudantes se posicionaram sobre o texto. E surgiram até narrativas de contos populares e “causos” contados pelos participantes.

No segundo momento do experimento, foi pedido para que os estudantes fizessem um reconto do conto *O médico que enxergava a morte*, partir de objetos retirados de uma caixa pequena(caneta, ilustrações, bonecos, infantis e etc) . Esse material lúdico tornou as produções escritas mais divertidas e diferenciadas. Conforme nossas observações, pudemos constatar que o lúdico preenche a imaginação e a interpretação das crianças e jovens, contribuindo com o processo de formação de leitores. Nesse sentido, Orlandi (2000) afirma que:

[...] lúdico se constitui, assim, na sua relação necessária com o imprevisto, com o imprevisível, com o não dito, indizível. Nas suas piadas diferentes manifestações (brincadeiras, jogos, encenações, chistes, piadas, ficção, etc.), o lúdico faz acontecimentos em processos já legitimados e sedimentados de produção de sentido e configurando novos espaços de significação (ORLANDI, 2000, p. 60).

Após todos os alunos terem feito o reconto, pedimos que fossem socializadas as histórias para todo o grupo. Esse momento foi uma alegria só, alguns alunos ficaram mais tímidos, outros aceitaram a proposta tranquilamente e expuseram seus textos para todo o grupo. O que podemos perceber é que uma boa mediação de leitura atrelada a praticas envolvendo o lúdico faz toda a diferença no trabalho com leitura em sala de aula.

o ato de ler [...] é um ato de atualização e de despojamento do pensar e pensar-se longe dos pré-juízos e pré-conceitos com que o senso comum ilude a maioria dos alfabetizados de quaisquer linguagens em leituras prontas por antecipação, taxando as demais segundo um juízo de falso e verdadeiro que não subsiste objetivamente, pois há que se levar em conta o sujeito – que as produz e recebe – e suas circunstâncias. (YUNES, 2002, p.39).

O texto literário, assim entendido, pode exercer a função de uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado, ser uma forma de expressão, que manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos, ou, ainda, uma forma de conhecimento, mesmo que inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi muito gratificante realizar o *experimento de leitura: Contos de enganar a morte* no Colégio Luiz Viana Filho, a colaboração dos funcionários, professores e estudantes contribuíram para a realização do projeto. Os estudantes se envolveram em todas as atividades propostas, tornando o experimento um sucesso. Os estudantes perceberam

que o momento de leitura pode ser um momento de prazer e aprendizagem. E que uma produção textual pode ser agradável e não necessariamente enfadonha ou chata. Em depoimentos, os estudantes disseram que o experimento trouxe novos conhecimentos. A partir desse experimento, entendemos que a pesquisa experimental é um procedimento indispensável para formação de qualquer educador. Pois o profissional de educação tem a responsabilidade de incentivar a leitura criar espaços para que essa se desenvolva bem e seja realidade no cotidiano dos educandos. Segundo Zilberman:

Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. (...) Como procede a leitura? Ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive continuamente. (ZILBERMAN, 2003, p.25)

Portanto cabe à escola e aos educadores manterem a literatura sempre presente em sala de aula. Fazendo com que a relação dos estudantes com os livros seja a mais próxima possível, e que os momentos de compartilhar a sejam de muito aprendizado, diversão e informação, de acordo com a realidade de cada leitor.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.

histórias. São Paulo: Ática, 1988.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo, SP: Editora Ática, 2003.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 2004

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 1998. Paulo: Loyola, 2002.

PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. Caderno MAIS, Folha de São Paulo, domingo, 30 de dezembro de 2001.

YUNES, E. (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro:Ed.PUC-Rio. 2002.

Disponível em: **<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo>**. Acessado em 22/08/12

Disponível em: **<http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas>**. Acessado em 22/08/12